



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS / INGLÊS**

**LUCELINE PENHA DA LUZ ALVES**

***JANE EYRE: UMA LEITURA DO ROMANCE DE CHARLOTTE BRONTË COMO  
UM BILDUNSRoman***

**GUARABIRA – PB  
2018**

**LUCELINE PENHA DA LUZ ALVES**

**JANE EYRE: UMA LEITURA DO ROMANCE DE CHARLOTTE BRONTË COMO  
UM *BILDUNSRoman***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação em Letras / Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras / Inglês.

**Área de concentração:** Literatura.

**Orientador:** Prof. M.e. Auricélio Soares Fernandes.

**GUARABIRA – PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474j Alves, Luceline Penha da Luz.  
Jane Eyre: [manuscrito] : uma leitura do romance de Charlotte Brontë como um Bildungsroman / Luceline Penha da Luz Alves. - 2018.  
28 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.  
"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Jane Eyre. 2. Literatura Vitoriana. 3. Bildungsroman. I.  
Título  
21. ed. CDD 801.95

LUCELINE PENHA DA LUZ ALVES

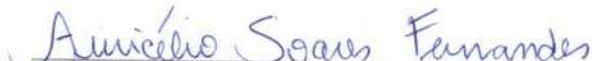
**JANE EYRE: UMA LEITURA DO ROMANCE DE CHARLOTTE BRONTË  
COMO UM BILDUNSRÖMAN**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Graduação em Letras  
da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em  
Letras/Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 29, 11, 18.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. M.e. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. José Viliam Manguêira (1ª Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. M.e. Isabela Christina do Nascimento Sousa (2º Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Dedico mais essa conquista na minha vida  
aqueles que fazem parte dela; aos que me  
amam incondicionalmente.*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a **Deus**, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Agradeço ao meu professor orientador, **M.e. Auricélio Soares Fernandes**, que teve paciência e que me ajudou a concluir este trabalho.

Agradeço também ao meu esposo, **Amadeu**, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, sempre me apoiando nos momentos de dificuldades.

Meu agradecimento às minhas filhas **Laíz** e **Thaiz**, pelo incentivo, pela força, principalmente pelo carinho e dedicação delas.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”

(PAULO FREIRE)

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS .....	7
1 CONTEXTUALIZANDO: O ROMANCE NO PERÍODO VITORIANO E A SITUAÇÃO DA MULHER.....	9
2 O <i>BILDUNGSROMAN</i> .....	15
3 JANE EYRE: UM ROMANCE DE FORMAÇÃO – UMA LIÇÃO DE RESISTÊNCIA .....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS .....	28

## **JANE EYRE: UMA LEITURA DO ROMANCE DE CHARLOTTE BRONTË COMO UM *BILDUNGSROMAN***

Luceline Penha da Luz Alves<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo discute o romance *Jane Eyre* de Charlotte Brontë. Procuramos descrever as características da personagem e suas peculiaridades ante a oposição aos romances clássicos e sua caracterização como *bildungsroman*, ou seja, o romance de formação, tendo em vista o papel feminino ante a sociedade da época, e da caracterização do crescimento da personagem desde sua fase infantil à adulta. Um dos principais objetivos do artigo é discutir acerca do mesmo como um romance de formação e da importância do acompanhamento das diversas fases de vida da personagem principal. Foram utilizadas na fundamentação estudos de autores acerca da temática como Moraes (2004), Ceia (1999), Rocha (2015) e Klee (2008) para a análise da narrativa de Brontë (2016). Tanto as descrições que envolvem pessoas, como ambientes, como as atmosferas das paisagens descritas ao longo da narrativa são marcadas por uma retórica de terror e de intimidação que vão pouco a pouco descortinando-se na própria formação da personagem central. Tudo isso remonta e descreve com clareza de detalhes de um romance de formação: tudo é grandioso e a própria natureza parece oprimir e sufocar os personagens nela mergulhados e sem escapatória, a personagem central, desde a sua infância em uma casa onde não era querida, sua adolescência e formação acadêmica, além da busca de sua realização e lugar no mundo envolve o leitor. Cada nuance, cada traço psicológico da personagem vai se desvanecendo ou se fortalecendo à medida que se desenvolve a narrativa e essa caracterização do romance vai se fundindo à própria descrição dos ambientes histórico e social da época, pois, conforme a personagem central vai mudando de ambiente e de situações fica mais delineada sua personalidade.

**Palavras-chave:** *Jane Eyre*. Literatura Vitoriana. *Bildungsroman*.

### **CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS**

O romance denominado *Jane Eyre* é uma das obras que marcou época, não apenas pelo estilo literário que representa, mas também pela própria história de sua criação, em que a autora assinava por um pseudônimo masculino – Currer Bell – para ter o romance lançado em 1847, visto visto que o mercado editorial da época não era tão aberto à publicação de literatura escrita por mulheres. Assim, Charlotte e suas duas outras irmãs, Emily e Anne Brontë tiveram que assinar seus romances, poesias e poemas com pseudônimos masculinos.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
E-mail: luceline.luz@hotmail.com.

Esse fato é um ponto importante para o entendimento da obra. Não apenas por ter sido escrito desse modo, mas a própria trajetória de vida da autora Charlotte Brontë (1816-1855) é relevante para o desenvolvimento do romance, que possui traços autobiográficos conforme seu prefácio. A autora nasceu em Yorkshire, um condado da Inglaterra, onde perdeu em 1825 sua mãe e duas irmãs mais velhas; ela e suas irmãs Emily, Anne e o irmão Branwell Brontë foram morar na casa de uma tia onde as irmãs passaram a escrever e produzir diários, peças e poemas, só parando quando faleceram.

O estilo descritivo, delicado e ao mesmo tempo sem cair no exagero típico dos romances góticos mostra a fluidez de uma narrativa bem delineada (KLEE, 2008). Outro ponto a ser destacado antes de aprofundarmos a análise é que alguns autores apontam que *Jane Eyre* não deixa de ter traços autobiográficos, visto que, como colocado por Seixas (*apud* BRONTË, 2016), Charlotte Brontë foi filha de um clérigo da Igreja anglicana e foi a terceira criança em uma família de seis filhos, órfãos aos cinco anos e cuidada por uma tia, que mandou as quatro filhas mais velhas para um colégio interno, em condições adversas e um regime atroz, onde duas irmãs da autora morrem por complicações com tuberculose. Quando adulta, a autora também trabalhou como preceptora e também viveu um romance impossível com um homem chamado Constantin Heger, que era casado. A partir dessas informações, a leitura de *Jane Eyre* adquire um novo significado, visto que a vida da própria autora remete-nos a uma história romanesca.

Esse choque entre o diferencial romântico e o *bildungsroman* é o que permeia toda a discussão analítica que se segue, haja vista esse ser um texto denso e com diversas facetas, destacando-se é claro, o *bildungsroman*, o que não deixa de fora outras nuances importantes, que se justapõem a esse romance de formação. Além disso, apresentaremos nesse artigo uma discussão que busca refletir acerca da tríplice convergente que encontramos no texto de *Jane Eyre*: o empoderamento feminino no período vitoriano, um romance de formação descritas no desenvolvimento da narrativa do personagem central e finalmente a influência do vitorianismo no contexto em que foi elaborada a obra.

Todos esses aspectos são essenciais para que possamos analisar *Jane Eyre* como um romance de formação – que é o principal objetivo – mas que necessita desse delineamento histórico e literário no qual a obra foi produzida. Essa contextualização nos permite entrever a importância desses aspectos dentro da

narrativa, e como isso influenciou toda a formação da personagem no decorrer do romance.

## **1 CONTEXTUALIZANDO: O ROMANCE NO PERÍODO VITORIANO E A SITUAÇÃO DA MULHER**

O século XIX foi um período de efervescência e com grande influência no que conhecemos como moderno. Acontecimentos como a queda de grandes impérios como França, Império Romano-Germânico, China e Espanha contrastaram com o desenvolvimento de descobertas científicas, industriais e uma influência direta no pensamento filosófico e educacional da época. Vê-se também a ascensão do Império Britânico com as chamadas guerras napoleônicas influenciando toda o contexto sociocultural daquela época. No que concerne aos estudos literários, é possível afirmar que toda época é retratada através de sua produção cultural subjacente do contexto em que se encontra e com *Jane Eyre*, não aconteceu diferente. Quanto ao contexto do século XIX, entendemos que:

O século XIX, caracterizou-se pelo rápido desenvolvimento das ciências: a Física levou ao apogeu a imagem mecanicista (cartesiana) do universo; a Biologia em seu transcurso evolutivo, propõe problemas importantíssimos para o pensamento filosófico; Charles Darwin com seu tratado sobre a origem das espécies, lançou em crise a ideia de homem que vigorava há séculos (...) a tecnologia faz progressos a passos largos, transformando a rotina mais tranquila de homens e mulheres que tentam adaptar-se à velocidade das mudanças (MORAIS, 2004, p. 11).

Além desse contexto científico e religioso que caracterizou a Era Vitoriana, o período se caracteriza como uma época de grande desenvolvimento capitalista do Império Britânico que só no século XIX colonizou países nos 4 continentes do mundo. Sobre este aspecto, temos:

A Era Vitoriana é, reconhecidamente, um período de grande notabilidade para a Inglaterra, sendo esta, nesse momento histórico, a nação que se projetou diante do mundo por suas inovações tecnológicas, descobertas científicas e economia próspera. Entretanto, mesmo sendo a potência industrial mundial no século XIX, liderando e exportando as mais modernas intervenções direcionadas para a expansão do modo de produção capitalista, a Inglaterra acolhia valores extremamente conservadores, adotando normas sociais de comportamento que tendiam ao constrangimento

da espontaneidade, ao comedimento das emoções (LIMA, 2013, p.13).

Dentro desse crescimento e dessas transições intensas pelas quais perpassavam a Inglaterra, compreende-se historicamente o período vitoriano entre 1837 e 1901, notadamente no reinado da Rainha Vitória. Essa era foi um momento de grandes contrastes na Inglaterra, especialmente na cidade de Londres que passava agora a ser a metrópole mais desenvolvida do século XIX, e com uma superpopulação. O deslocamento do estilo de vida inglês – até então baseado na agricultura – se desloca para uma economia urbana moderna, pautada no comércio e na indústria (MORAIS, 2004).

Diante dessas transições tão intensas, a resistência inglesa de abandonar suas velhas tradições vão de encontro ao “novo” que se descortina no país no mesmo período que literatura evocam uma dura crítica ao materialismo através do realismo literário, que criticava os costumes da época e a divisão da Inglaterra em duas classes: a burguesia e a classe trabalhadora. Romances como *Feira das Vaidades*, de William M. Thackeray, *Tess of D'urbervilles*, de Thomas Hardy, *Grandes Esperanças*, *Oliver Twist* e *David Copperfield*, de Charles Dickens, por exemplo criticam o capitalismo exacerbado, a vaidade e o desejo de ascensão social da classe trabalhadora inglesa. Sem citar que o aspecto religioso e moral da Era quase beirava o fanatismo. Isso se deve ao fato de uma preocupação ante um possível desmoronamento do estado das coisas. E assim, “era preciso que as virtudes morais fossem erguidas como pilares seguros; único recurso que assegurasse a continuidade de uma situação aparentemente satisfatória” (MORAIS, 2004, p. 23).

Podemos, assim dizer, que o período vitoriano consiste em um desdobramento histórico de preocupações acerca de características como disciplina, retidão, seriedade, patriotismo, trabalho árduo e principalmente a moral, que abarcava conceitos de virtudes, castidade e fidelidade conjugal.

Na Era Vitoriana, a mulher não podia fugir do padrão imposto pela sociedade. Se por um lado a exploração da mulher se dava nos meios mais pobres da maneira mais cruel possível, dentro da alta sociedade a mulher era entronizada no seu papel mulher de família. Um texto de Disraeli, ministro conservador do Império Britânico, descreve a realidade do trabalho infantil em uma mina de carvão da Inglaterra do século XIX:

A mina vomita seus prisioneiros e o poço seus escravos: multidões de jovens dos dois sexos, mas que infelizmente nem o vestuário nem a linguagem os diferenciam. As meninas se vestem como homens, e blasfêmias, que fariam estremecer homens maculam seus lábios, que só deveriam pronunciar palavras de doçura e de amor. E no entanto, aí estão algumas, e outras que já o são, futuras mães inglesas. Mas como nos espantarmos da grosseria horrível de sua linguagem, quando pensamos na rudeza selvagem de suas vidas? Nuas até a cintura, as pernas cobertas com uma calça de estamemha, presas com uma corrente de ferro a um cinto de cobre, essas meninas inglesas são condenadas a passar doze e às vezes dezesseis horas por dia a empurrar, puxar, dirigir vagões pesados por caminhos subterrâneos, escuros e fortemente inclinados. (...) o que é de mais estranhar quanto alguns desses próprios membros (da sociedade contra a escravidão negra) empregam eles próprios essas infelizes crianças. Vede-as saírem das entranhas da terra. São crianças de 4 a 5 anos, algumas delas meninas bonitinhas, delicadas e tímidas. Funções da maior importância lhes são confiadas e as obrigam a serem os primeiros a entrar e últimos a sair (DISRAELI *apud* LIMA, p. 20, 1974).

Observa-se que a pobreza a que a população desfavorecida que nesse período está exposta é impiedosa, e que a luta para não ter esse destino era o sonho de muitas famílias, que viam na educação, ou servindo às famílias tradicionais uma maneira de escapar desse tipo de situação. Contrastando com a realidade da pobreza, as famílias tradicionais apegavam-se às suas tradições e, procuravam, a todo custo manter essa realidade afastada de seus lares, seja da maneira como eram retratadas, descritas, e mesmo, na maneira com que agiam em sociedade.

De acordo com Morais (2004) a preocupação central demonstrada pela família é focada principalmente com as aparências. Isso é demonstrado na literatura, inclusive em momentos que podemos observar na narrativa *Jane Eyre*, como quando a personagem principal demonstra o seu receio em relação à realidade que a cercava quando questionada se gostaria de ir morar com alguns parentes pobres:

Balancei a cabeça. Não podia imaginar gente pobre sendo gentil. Depois, já me via aprendendo a falar como eles, adotando seus modos, sendo mal-educada, ficando igual as mulheres que às vezes via lavando roupa ou embalando crianças nas portas de casebres do vilarejo de Gateshead. Não, não era heroica o suficiente para comprar minha liberdade por um preço tão alto (BRONTË, 2016, p. 36).

Neste caso, o culto ao lar como o altar para a mulher vem opor-se diametralmente à realidade da mulher que vivia em condições mais abastadas, com

a realidade nas famílias pobres. Para as famílias mais opulentas, o lar na literatura dessa época retrata a mulher como a pessoa que era o protótipo do ideal de maternidade, fidelidade e zelo pelo lar. Ao homem era reservado o conhecimento e o direito de uma vida pública, conseqüentemente inferiorizando a figura da mulher. Isso é destacado no seguinte trecho do romance de Charlotte Brontë:

- E você não pode pensar que está no mesmo nível das senhoritas e do patrãozinho, só porque a Sra. Reed gentilmente permite que seja criada ao lado deles. Eles serão ricos quando crescerem e você não terá nada. Seja humilde e tente ser agradável com eles.

- O que estamos dizendo é para o seu bem – acrescentou Bessie em tom suave. – Você tem que tentar ser útil e boazinha. Aí, talvez, possa fazer daqui seu lar. Mas se for uma menina rude e malcriada, a Sra. Reed vai manda-la embora, tenho certeza (BRONTË, 2016, p. 22)

Assim, percebemos como a visão da mulher já era estereotipada e esta era educada, desde a mais tenra infância a buscar o “seu lugar”, lugar este de sujeição. Apesar de já haver autores engajados como John Stuart Mill, que com sua obra *A subjeção da mulher*, destacou-se no movimento feminista da época contrapõe-se à uma visão de mundo tão arraigada que nem mesmo grandes escritoras da época, entre elas a própria Charlotte Brontë, se colocaram contra quando da campanha do direito ao voto feminino, por acreditarem “na incapacidade e alienação das mulheres vitorianas quanto às questões políticas relevantes, ou por considerarem que havia questões de maior relevância” (MORAIS, 2004, p. 28) para onde deveriam endereçar sua atenção.

Acreditamos que este é o resultado de uma visão cultural tão forte do papel da mulher, que chegava a causar esse tipo de posicionamento submisso. A educação na época – especialmente para as mulheres – era baseada em rigidez e disciplina. Como é destacado, por exemplo, no trecho de *Jane Eyre*:

Mais uma vez, refleti. Mal sabia o que era uma escola. Bessie às vezes falava como de escola com um lugar cheio de mocinhas sentadas em bancos, usando capas e sendo extremamente pontuais e gentis (...) Ela elogiava os lindos quadros pintados pelas moças, retratando flores ou paisagens; as canções que conheciam e as músicas que conseguiam tocar; as bolsas que sabiam tecer; os livros em francês que traduziam. Eu já ficava morrendo de inveja só de enumerar aquelas habilidades. Além disso, a escola seria uma mudança completa. Eu teria que fazer uma longa viagem e ficaria

bem distante de Gateshead. Estaria começando uma vida nova (BRONTË, 2016, p. 36-37).

O foco era educar as crianças para que essas parecessem um adulto. Para isso havia o cultivo de serões de longa duração entre os familiares para que fizessem suas leituras, assim as crianças poderiam exhibir seus dotes, expor sua formação e serem avaliados e “esculpidos” no próprio seio da família;

Esse hábito era um misto entretenimento e busca de edificação dos valores morais, de vez que os textos escolhidos eram comumente carregados de aconselhamentos, visando a este propósito. Muitos deles traziam exemplos que objetivavam ensinar as crianças as consequências das más ações, já que, acreditava-se, para esculpir as virtudes era preciso deixar clara a importância e a inevitabilidade de dois sentimentos opostos: a aprovação e a culpa (MORAIS, 2004, p. 67).

Dessa maneira, as lutas relacionadas à educação feminina, assim como outros direitos, esbarraram nas convicções morais que colocavam a mulher fora desse universo educacional, cujas bases reguladoras incluíam interpretações equivocadas de escrituras bíblicas e incutiam o medo de uma provável superioridade da mulher sobre o homem. Na Era Vitoriana, a educação feminina cuidou em elevar a mulher a uma condição de santidade, jamais de superioridade, para que as relações sociais pudessem ser estavelmente mantidas.

O preceptorado – ou o acompanhamento das crianças por jovens que dispunham de uma educação razoável, e que ficavam a cargo de educar as crianças até uma certa idade – ou a governança, fazia com que jovens fossem empregadas nas casas de famílias inglesas de classe média ou alta, até que as crianças estivessem prontas para ingressar em uma instituição escolar. A própria Jane Eyre foi preceptora, seu primeiro encontro com o dono de Thornfield expressa bem essa situação:

- Obviamente você não é uma criada da casa. Então você é... – e ele parou, observando meu vestido que era, como sempre, bem simples: um casaco preto de lã de carneiro, um chapéu preto de castor, nada nem próximo da elegância de uma dama. Ele pareceu confuso a meu respeito e decidi ajudar:

- Sou a preceptora (BRONTË, 2016, p. 138)

Bem, essa vida de preceptorado podia ser muito solitária, já que as mesmas não eram consideradas empregadas comuns (causando inveja entre os demais) pois

havia um certo grau de familiaridade com os membros desta e, no entanto, essa intimidade era apenas circunstancial, pois a pública era tratada como criada, colocando-as numa posição muito vulnerável em relação aos seus patrões, como qualquer empregado comum (MORAIS, 2004).

Dessa maneira, vemos no romance bem como traço importante da tradição vitoriana que a mulher, assim como os pobres, não eram incentivados à educação, e mesmo ante a Lei Educacional de 1870, que tornou o ensino de crianças de até 12 anos compulsório, os recursos para as escolas provinham das paróquias, ou de recursos de instituições particulares, viram no governo, através dessa lei, o incentivo para organização e ampliação do sistema educacional vigente à época. E apesar de sua universalidade, assim como nas relações de trabalho, como vimos anteriormente, nas relações educacionais também havia enormes discrepâncias.

Um importante ponto a ser colocado, segundo Moraes (2004), e que inclusive encontra-se retratado em *Jane Eyre* é o sistema de ensino monitorial. Como a maioria das escolas da época era mantida pela caridade, encontrar educadores dispostos a trabalhar com uma parcela carente da população e com poucos recursos era uma árdua tarefa. O Sistema Monitorial de ensino desenvolvido Andrew Bell e Joseph Lancaster consistia em selecionar os alunos mais inteligentes para ensinar os mais novos – como o sistema era baseado em repetição, agrupando alunos por níveis de habilidade. Assim, o professor ministrava aulas apenas às crianças que faziam parte do grupo mais avançado dentro da instituição, esse mesmo professor selecionava os mais qualificados para monitorar e ensinar os demais grupos, o que assegurava o agrupamento de até 500 alunos sob o controle de um único professor qualificado (MORAIS, 2004).

Lowood, a escola descrita em *Jane Eyre* é o perfeito retrato desse sistema: é uma escola para órfãs, onde as meninas se submetem ao regime de monitoria, sob a ordem de professoras que monitoram e orientam, todas sob os cuidados de Miss Temple, que era a superintendente escolar. Além disso, como a sociedade era voltada para uma educação mercantilizada, as alunas da escola também seguiam esse preceito: elas saíam prontas para o mercado de trabalho (LIMA, 2013).

Ademais, ressaltamos que o sistema de punição desse período era complexo e muitas vezes humilhante. No trecho a seguir, a personagem Jane Eyre relata seu primeiro castigo:

E lá fiquei eu, no alto do banco. Eu, que dissera que não suportaria a vergonha de ficar naturalmente em pé no meio da sala, estava agora exposta à curiosidade geral, sobre aquele pedestal de infâmia. As minhas sensações naquele momento são algo impossível de descrever com palavras (BRONTË, 2016, p. 85).

Havia também pequenas recompensas para o sucesso alcançado. Segundo Morais (2004) existiam pequenas voltas de honra – ao modo de desfile frente a outros alunos – ao redor da escola pelos promovidos, e em alguns casos, pequenas somas em dinheiro. Sendo, inclusive, o Sistema Monitorial considerado como uma espécie de resposta à Revolução Industrial em que o mecanicismo é assim aplicado com a maximização de um recurso escasso, no caso, o professor.

Desse modo, o romance *Jane Eyre* vai descrevendo a trajetória da personagem, de maneira tão pontual que não deixa margem a dúvidas que se trata de um romance de formação, ou *bildungsroman*, como iremos nos aprofundar a seguir.

## **2 O BILDUNGSROMAN**

De acordo com Maas (2000) a expressão *bildungsroman* possui traduções com que remetem a uma forma tipicamente alemã de narrativa literária. Morfologicamente é o resultado de uma justaposição entre dois radicais alemães – Bildung, que quer dizer *formação* e Roman, que quer dizer *romance*, e seu uso de acordo com Maas (2000, p. 13), “firmou-se com um conceito produtivo em quase todas as literaturas nacionais de origem europeia, tendo sido assimilado também nas literaturas mais jovens como as americanas”. O termo teve sua origem provável em 1810, pelo professor de Filologia Clássica Karl Morgenstern. Seu conceito, aqui no Brasil, se deu através do gramático Missaud Moisés, em 1978, em seu *Dicionário de termos literários*. Desse modo, podemos colocar *bildungsroman* como uma forma de romance que:

Representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar certo grau de perfectibilidade. Uma tal representação deverá promover também a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance (MORGENSTERN *apud* MASS, 2000, p. 19).

Essa visão é bem mais profunda que um simples romance que se desenvolve em direção à vida de um personagem. Ele está para sua formação. O *bildungsroman* representa o:

(...) instrumental para compreendermos determinadas direções da filosofia da arte e da cultura que se produziu desde a segunda metade do século XVIII em direção ao XX, originando-se na Alemanha e envolvendo autores como Goethe, Schiller, Hegel, os irmãos Schlegel, Novalis, Hölderlin e, também, Schopenhauer e Nietzsche. O conceito central tratado é *Bildung*, vocábulo que designa uma das figuras históricas determinantes — talvez a última, sublinha Berman — do que ainda hoje entendemos como cultura, ao lado de paideia (paidéia), *eruditio* e *Aufklärung*. Em resumo, como desenvolverei aqui, *Bildung* expressa, sobretudo, o processo da cultura, da formação (SUAREZ, 2005, p. 192).

Cada uma dessas conceituações nos coloca no caminho de uma análise de um escrito literário que demonstra esse processo de desenvolvimento, não apenas físico, mas muito mais complexo, essas características nos trazem de maneira bem mais ampla a visão da delimitação de um personagem à medida em que se desenvolve no ambiente em que se insere.

Dessa maneira, podemos colocar que o romance de formação não é uma forma delimitada em um determinado tipo de narrativa, mas um mergulho nas condições que lhe engendraram, nos pontos correspondentes que lhe dão um norte: seus ideais, sua conotação e origem temporal e histórica.

O *bildungsroman* é o chamado a uma prática de análise mais crítica das perspectivas claras e implícitas no texto, não apenas uma ordenação de pontos elencados, mas, a busca pelos motivadores que estão transcritos por seus conceitos e temáticas ali abordados.

### **3 JANE EYRE: UM ROMANCE DE FORMAÇÃO – UMA LIÇÃO DE PERSISTÊNCIA**

Lançado há mais de 170 anos, vários críticos consideravam a linguagem de *Jane Eyre* mais tendenciosa ao romântico, adequada para os moldes vitorianos. Ela encarnava uma heroína que buscava sobreviver àqueles momentos de extremo grau de desigualdade à condição feminina. Mas como as feministas da época, não para contrariar, mas, para adaptar-se e vencer às condições impostas as mesmas.

Como visto anteriormente, o romance de formação é o que possui uma característica específica: seu personagem central é apresentado de maneira crescente no tempo e espaço, ou seja, sua história é contada da infância à sua maturidade, sempre sendo mostrado esse crescimento seja em busca de crescimento espiritual, político, social, psicológico, físico ou moral (SUAREZ, 2005). Nesse caso, o *bildungsroman* vai se delineando e marcando todo um vitorianismo, haja vista o contraponto entre a moralidade e bondade e a hipocrisia de uma sociedade. Temos, assim, a vida e a formação da protagonista em algumas fases que vão da sua infância em Gastehead Hall, sua adolescência até a fase adulta na Lowood School, depois por Thornfield Hall e Moor House, até finalmente chegar a Ferdean House, que é o local de finalização de sua formação e entrada definitiva na vida de adulta e casada.

A vida para a personagem central, Jane Eyre, teve desde sua tenra infância o encontro com a situação difícil de orfandade e pobreza e a criação por pessoas que não apreciavam sua presença na casa onde morava. Com a morte dos pais, ela teve que morar desde cedo na casa de seu benfeitor – o Sr. Reed – que a acolhera, mas que falecera e a mesma ficou à mercê da dona da casa, por quem não era minimamente querida, mas que mesmo diante do tratamento dispensado à órfã, era vista como sua benfeitora. Assim está caracterizado o estilo social da época: os vitorianos embalados por essa casca social, “escondiam suas reais convicções, gostos e inclinações, e [...] de fato, pretendiam ser melhores do que realmente eram. Afirmavam-se portadores de uma piedade e moral inabalável” (MORAIS, 2004, p. 25). No início do romance, a tragédia da perda dos pais da protagonista a proporcionara toda essa situação:

Naquela ocasião, fiquei sabendo pela primeira vez, ouvindo a conversa entre Abbot e Bessie, que meu pai fora um pastor pobre e que minha mãe se casara com ele contra a vontade dos parentes, que o consideravam inferior a ela; que meu avô Reed ficara tão furioso com a desobediência dela que a deserdera; que quando eles dois estavam casados havia um ano, meu pai pegou tifo ao visitar a área pobre da cidade industrial onde clericava, afetada por uma epidemia, que minha mãe pegou dele a infecção e ambos morreram num intervalo de um mês (BRONTË, 2016, p. 37-38).

A mulher, como dito anteriormente não era vista como importante pela sociedade, menos ainda quando era mantida por caridade. A situação de *Jane Eyre* é difícil e injusta, e mesmo diante de atrocidades cometidas pelo futuro senhor da

casa – o filho e herdeiro da Gastehead Hall – como se segue na descrição de sua rotina em relação à maneira como era tratada pelo filho da dona da casa a quem tinha sido entregue para ser criada:

John tinha um grande afeto pela mãe e as irmãs, e uma grande antipatia por mim. Castigava-me e maltratava-me; não duas ou três vezes por semana, nem uma ou duas vezes por dia, mas continuamente; eu o temia com todos os meus nervos, e cada fibra de carne em meus ossos se encolhia quando ele se aproximava. Havia momentos em que me espantava com o terror que ele me inspirava, porque eu não tinha nenhum recurso contra suas ameaças ou castigos; os criados não gostavam de ofender o jovem amo tomando meu partido contra ele, e a Sra. Reed era cega e surda a esse respeito, nunca o via me bater nem o ouvia me maltratar, embora ele fizesse ambas as coisas de vez em quando na frente dela; mais frequentemente, porém, pelas suas costas (BRONTË, 2016, p. 18).

Esse romance vai além do estilo usual que reúne simbolismos e metáforas, ou mais que apenas um simples romance *bildungsroman*, pois, mesmo não sendo entendido na época como um romance transgressor, ou mesmo de um romance ao estilo de Ann Radcliffe<sup>2</sup>, segundo Klee (2008) a obra reúne os dois estilos por abordar questões polêmicas e que iam de encontro aos preceitos de sua própria época, como a independência e o inconformismo diante da situação da mulher na sociedade.

Abaixo temos duas situações onde Jane se insurge e se revolta contra a situação que se encontra. Na primeira ela está diante de todos os seus medos infantis, presa em um quarto, onde morrera seu benfeitor, o Sr. Reed, mas que naquele momento associava a ideia de terror e injustiça, de ela ser castigada por apanhar do jovem herdeiro de Gastehead. Na segunda, ela explica à sua amiga de internato como ela deve se comportar ante situações de injustiça, demonstrando nestas situações toda a revolta ante a situação de desvantagem em que se encontra e como reage internamente a elas. Vejamos:

“É injusto! Injusto!”, era a voz da razão dentro de mim, levada por aquele estímulo extremo a uma precoce, embora transitória sensação de poder. E a decisão também se assomava, instigada por sombrios expedientes destinados a permitir uma escapatória àquela opressão insuportável – como se fugir ou, se isso não fosse possível,

---

<sup>2</sup> Escritora considerada como uma das escritoras mais populares e mais bem pagas romancistas inglesas do século XVII, com romances que exploram o feminino nos romances góticos de terror (KLEE, 2008).

nunca mais nem comer nem beber e me deixar morrer (BRONTË, 2016, p. 25)

(...) Você é boa com aqueles que são bons com você. É o que eu sempre quis ser. Se as pessoas fossem sempre gentis e obedientes para com aqueles que lhe são cruéis e injustos, as pessoas más sairiam sempre ganhando. Não temeriam nada e, assim, nunca se transformariam. Ao contrário, só iriam piorar. Quando somos agredidos sem razão, devemos agredir de volta, e com toda força. Estou convicta disto: com força suficiente para ensinar à pessoa que nos agrediu a não fazer aquilo de novo (BRONTË, 2016, p. 73)

Dessa maneira, vemos que a personagem não é uma vilã ou heroína, ela oscila, ela luta pelo que quer, apesar de sua aparente fragilidade física, e, como já dito por Rocha (2015), ela ultrapassa a mera discussão dos conflitos sociais, mas permeia seus medos e fantasias com uma realidade dura e assustadora, com uma férrea vontade pessoal.

Quando na infância ela se insurge – como vimos nas citações anteriores – contra as situações negativas que lhe assomam e após um dos momentos mais tensos do romance – quando trancada injustamente num quarto onde seu benfeitor morreu – Jane Eyre passa por um dos momentos mais marcantes para sua tão difícil infância:

Assim que Bessie e Abbot se afastaram, a Sra. Reed, agora impaciente por causa do meu desespero e dos meus soluços incontroláveis, me deu um empurrão com toda a forma e me trancou de novo, sem mais conversa. Eu a ouvi afastar-se. E, logo que ela se foi, creio que tive uma espécie de desmaio, pois tudo desapareceu e mergulhei na inconsciência. (...) Lembro-me depois disso de acordar com a sensação de ter tido um horrível pesadelo, em que via olhos terríveis, vermelhos, me olhando através de grossas e negras barras de ferro. Ouvi vozes, também, falando com um som oco, como se encoberto por barulho de vento ou água. Meus sentidos eram confundidos pela minha agitação e, sobretudo, por uma sensação avassaladora de terror (BRONTË, 2016, p. 28).

Após esse episódio todas as providências são tomadas para que Jane seja enviada a uma escola denominada Lowood, e que durante oito anos foi o seu lar. Dois desses oito anos foram marcados pela sua passagem de criança para adolescência, e de onde ela só sai aos dezenove anos de idade:

Durante esses oito anos minha vida transcorreu de maneira uniforme, mas não infeliz – porque eu não era inativa. Pude contar com uma excelente educação; gostava muito de aprender determinadas matérias e procurava me sair bem em todas, tendo também grande prazer em agradar às professores, especialmente

aquelas que eu amava e me incentivavam. Aproveitei bastante tudo aquilo que me foi oferecido. Dentro de algum tempo, já me tornara a primeira aluna da primeira classe. E então fui nomeada professora, cargo que desempenhei com grande zelo durante dois anos. Mas, ao fim desse período, houve uma transformação (BRONTË, 2016, p. 104).

Assim, corroborando o colocado por Moraes (2004), vemos que em um século onde se acreditava na inferioridade da mulher, onde cientistas realizavam estudos antropométricos e de craniometria para demonstrarem cientificamente essa condição de inferioridade intelectual, às mulheres só restava um tipo de instrução que reforçasse o seu caráter frágil e de preparadas para gerenciar um lar.

Ao encerrar seus estudos, Jane Eyre busca sua independência financeira e, ao mesmo tempo conhecer e explorar o mundo além da escola. Nesse momento, ela encontra emprego em uma mansão rural, com as características de reclusão e afastamento, tão peculiares dos romances góticos. O nome da propriedade é Thornfield, lugar enigmático, sombrio e que guarda segredos e sombras assustadoras, e para onde nossa personagem se muda para ser preceptora de uma menina pequena chamada Adèle.

Como dito anteriormente, o papel da preceptora na era vitoriana era o meio mais comum para que moças que adivinham de lares com dificuldades tinham de evoluir socialmente da condição em que se encontravam. Elas conseguiam vagas em instituições de ensino para moças – seja por questão de gratidão ou influência de terceiros em favor de sua educação – e que de lá saíam para cuidar da educação nas casas de crianças mais abastadas, até que estas estivessem em idade de serem encaminhadas a instituições de ensino. Como o ensino era mecanicista e baseado em repetição, estas conseguiam manter este tipo de educação de forma continuada.

Mesmo assim, no romance é interessante ver como Jane é recebida e tratada de maneira cortês, situação inesperada para a personagem que sempre enfrentou a indiferença:

“Ela me trata como se eu fosse uma visita”, pensei. “Não imaginava uma recepção assim. Esperava frieza e distanciamento. Não foi dessa forma que me disseram que é tratada uma preceptora. Mas melhor não me animar antes do tempo.” (sic.) (BRONTË, 2016, p. 118).

Note-se que a personagem não está acostumada ao carinho ou atenção de estranhos, ela ao mesmo tempo que se mostra surpresa, passa um tempo ainda para se acostumar como uma situação de civilidade, que deveria ser normal. Mas, no decorrer do romance, ela vai se acostumando gradualmente.

No decorrer da narrativa veremos que o dono de Thornfield Hall, o Sr. Edward Rochester, será a paixão despertada de Jane Eyre e que este também guarda um segredo que antes mesmo de Jane perceber o teor do segredo, já está elevada e sonhando com seu casamento com ele. Sua aproximação durante um curto período de tempo foi o suficiente para que a jovem Jane passasse a sonhar com o que antes jamais passaria por sua cabeça: o amor. É assim que a narrativa destaca tal fato:

A naturalidade com que ele agia me deixava à vontade. A franqueza, tão correta quanto cordial, com que me tratava, aproximava-me dele. De vez em quando, eu sentia como se fosse um amigo, e não meu patrão. E, no entanto, às vezes agia de modo imperial. Mas eu não me importava. Percebia que era o jeito dele. E ficava tão feliz, tão gratificada com esse novo interesse surgido em minha vida que deixei de me lamentar por causa de meus parentes. Meu destino estreito pareceu alargar-se. Os vazios da existência foram preenchidos. Minha saúde melhorou, ganhei corpo (BRONTË, 2016, p. 175).

Porém, em contraposição a esse amor há um grande obstáculo: Bertha Manson, que é a esposa que o Sr. Rochester tenta esconder de Jane Eyre, visto que ambos se apaixonam e esse é o principal entrave para o amor deles. Durante todo o romance, à medida em que mais se aproxima do Sr. Rochester, mais vai se aproximando a figura de Bertha: os sons produzidos vão delineando a sua presença na propriedade através de sua risada, dos gritos e depois de atos violentos.

A mesma é uma herdeira, que mesmo com toda beleza e popularidade traz consigo traços de loucura de ordem familiar – haja vista o pai de Bertha e seu irmão apresentarem os mesmos traços de desordem mental – tudo isso foi meticulosamente escondido do então jovem Sr. Rochester, por seu próprio pai, para que ele viesse a contrair núpcias com Bertha e assegurar o acesso à fortuna da mesma.

A esposa Bertha Manson tem atitudes insanas e que colocam em risco as pessoas que habitam a mansão. Chega em um dos momentos a tentar contra a vida de seu marido, através de um incêndio provocado no dossel em que ele dormia, e de onde o mesmo foi salvo por Jane:

Algo estalou. Era uma porta, entreaberta – a porta do quarto do Sr. Rochester. Era de lá que a fumaça saía. Nem pensei mais na Sra. Fairfax, nem em Grace Pole, nem na risada. Em um segundo estava dentro do quarto dele. Línguas de fogo se erguiam em torno da cama. O cortinado estava em chamas. E, em meio ao fogo e à fumaça, o Sr. Rochester continuava deitado, imóvel, no mais profundo sono (BRONTË, 2016, p. 177).

Assim, a ganância dos Rochester resulta em uma infeliz união entre o Sr. Rochester, em sua juventude e a jovem, e agora completamente louca, Bertha Manson. União que ele esconde e que tenta esquecer da existência pela obliteração completa da presença de Bertha em sua vida. Mas, a consciência da existência da esposa, condena o Sr. Rochester a tormentos morais que o afastam da propriedade e dos parentes da esposa. A uma personagem da narrativa apresenta os fatos entre Mr. Rochester e sua esposa da seguinte forma:

(...) Só sei que ele ofereceu um casamento honroso a essa jovem e que em pleno altar ela descobriu que ele tinha uma esposa, ainda viva, embora louca. Que a atitude que ele tomou e que propostas fez depois disso são meras conjecturas. Mas quando a notícia se espalhou e foi necessário procurar a preceptora para ouvi-la, descobriu-se que ela havia desaparecido. Ninguém conseguiu saber como, nem para onde. Deixara Thornfield à noite. Todas as buscas provaram-se inúteis (...) (BRONTË, 2016, p. 442).

Note-se que a jovem Jane não é mais vista, não é mais encontrada. Assim, como Bertha, ela mergulha no afastamento. A primeira por determinação de seu marido e por sua situação psicológica. Já Jane, pelo sentimento de decepção, mesmo no dia do seu casamento. Ela não suporta a situação e no dia seguinte se vai da propriedade e da companhia do seu amado, sendo este afastamento não por sua situação psicológica, mas, determinação pessoal:

Caro leitor, não quero que sinta o que eu sentia nessa hora! que seus olhos jamais deem lágrimas tão tormentosas, sofridas, brotadas do coração quanto eram as minhas naquele instante. Que seus lábios jamais façam aos céus um apelo e uma prece tão desesperançados e agônicos quanto aqueles que passaram por meus lábios. E que você nunca tema ser o instrumento do mal, como eu fui, para a pessoa que mais ama (BRONTË, 2016, p. 375).

As suas desventuras não cessam. Jane precisa se afastar para que não recaia em tentação. Ela sai sem rumo e apenas busca o contato com a natureza. Após vagar por vários dias ela sai à procura de um novo destino, atrás de um

acolhimento que a ajude a confortar-se na dor. E, à sua dor, misture-se a necessidade, a privação e a busca de um abrigo.

Nesse momento, vemos mais uma etapa na vida de Jane Eyre se delineando. Ela agora vai à procura de mudar sua vida, deixando para trás o passado e as suas tormentosas lembranças, ressaltando as características do *bildungsroman* no romance, em busca de sua redenção:

O protagonista deve ter uma consciência de certa forma explícita de que ele próprio não percorre uma seqüência de aventuras mais ou menos aleatórias, mas sim um processo de autodescobrimento e de orientação no mundo. Com isso, via de regra, a imagem que o protagonista tem da meta de sua trajetória de vida é determinada por enganos e avaliações equivocadas, devendo ser corrigidas apenas no transcorrer de seu desenvolvimento. Ele tem como experiências típicas: o abandono da casa paterna, a atuação de mentores e de instituições acadêmicas, o encontro com a esfera da arte, confissões intelectuais eróticas, experiência profissional e também, eventualmente, contato com a vida política (...) (JACOBS & KRAUSE 1989: 37, *apud* QUINTALE NETO, 2009, p. 187).

Assim, neste contexto, Rocha (2015) aponta:

A porção final do livro se dedica a explorar o resgate das relações de Jane. A heroína deixa a mansão de Thornfield apenas com a roupa do corpo: precisa mendigar para sobreviver e quase morre procurando abrigo. De forma tão miraculosa quanto a sua sobrevivência, encontra tudo o que mais queria: uma família. Por mais forte e independente que a personagem principal possa ter atuado no decorrer do livro, a falta de amor parece ser o que mais lhe atormenta (ROCHA, 2015, p. 26).

Esse trecho de Rocha (2015) demonstra como essa procura de Jane é importante para o desenvolvimento estrutural do romance como um *bildungsroman*, cada passo da personagem vai, à medida em que a narrativa desenvolve-se mostrando como as suas experiências vão demarcando o seu crescimento também como pessoa.

Jane Eyre, após este período, chega em Moor House, e encontra uma família pobre, onde acha apoio, descobre que os mesmos são eventualmente seus parentes – um irmão e duas irmãs – que fazem parte do lado pobre de sua família. Parece-nos, enfim, que a personagem, agora já enfrentando os percalços inerentes a esse novo contexto, encontra algo que ela nunca ousara ansiar: uma família. Pelo trecho acima analisado a falta de apoio, de alguém em que possa apoiar-se ou

simplesmente contar é uma necessidade que a personagem possui em sua trajetória de formação.

Observei o seu rosto. Então eu encontrara um irmão, alguém de quem podia me orgulhar, alguém a quem podia amar. E também duas irmãs, cujas qualidades eram tantas que, quando eu as conhecia apenas como estranhas, mesmo assim já me inspiravam afeição e admiração genuína. Aquelas duas moças, às quais eu vira, agachada através da janela da cozinha de Moor House, com uma mistura amarga de interesse e desespero eram da minha família. E aquele cavalheiro que me encontrava quase à morte em sua porta, era sangue do meu sangue. Que descoberta gloriosa para uma pobre jovem jogada fora! Isso sim era riqueza! Riqueza para o coração, essa mina das mais puras e benignas afeições. Aquilo era uma benção, uma alegria vívida e brilhante, diferente do prazer que o ouro traz, prazer que é sem dúvida bem-vindo, mas cujo peso requer uma gravidade. Agora eu batia palmas, na mais súbita alegria, meu pulso disparava, minhas veias palpitavam (BRONTË, 2016, p. 448).

Jane, ao descobrir herdeira de seu tio comerciante divide sua herança entre as duas primas Diana e Mary, e recusa o pedido de casamento do seu atual benfeitor e primo St. John, a quem considera como irmão. Neste momento, a mesma vai em busca do seu verdadeiro amor, o Sr Rochester, e descobre ao chegar na antiga mansão Thornfield, que o local está destruído:

E havia em tudo um silêncio de morte, a solidão de um lugar abandonado. Não admira que as cartas que enviara nunca tivessem obtido resposta. Era o mesmo que despachar correspondência para um túmulo no cemitério de uma igreja. A triste escuridão das pedras contava por qual destino aquela casa ruína: fora uma conflagração. Mas o que a provocara? Qual seria a história do desastre? E que perdas, além de pedra, mármore e madeira, haviam dele decorrido? Será que houvera perdas de vidas, assim como materiais? E, se houvera, de quem? (BRONTË, 2016, p. 494).

O que Jane descobre é que a esposa do Sr. Rochester fugiu do quarto onde vivia presa, provocando o incêndio colocando em risco a todos os moradores da mansão e, por fim, Bertha Manson se suicida, atirando-se do telhado. Mesmo diante da situação desesperadora, o Sr. Rochester salva todos os moradores da mansão e, inclusive, tenta salvar a mulher, perdendo nessa ação uma mão e a visão. E após buscar de maneira incessante Jane Eyre, ele busca o isolamento:

E ele foi ficando fora de si, louco de desespero. Nunca foi um homem fácil, mas tornou-se até perigoso depois que a perdeu. E muito solitário. Mandou a Sra. Fairfax, a governanta, embora para bem

longe, para viver com amigos. Foi bom para ela, porque lhe concedeu uma renda anual pelo resto da vida. E ela merecia, porque era ótima pessoa. A Srta. Adèle, a menina que ele criava, foi mandada para um colégio. Ele rompeu relações com todo mundo e se trancou na casa como se fosse um ermitão (BRONTË, 2016, p. 498).

Dessa maneira, a cegueira do personagem Rochester também se confunde com a própria vontade de não mais querer enxergar o mundo ao seu redor; ele perde a vontade de viver, busca o isolamento ante tantas tragédias em sua vida. Assim sendo, a cegueira pode ser encarado como um contraponto que favorece esse seu desligamento do mundo ao seu redor.

Jane Eyre então descobre que o Sr. Rochester foi morar numa propriedade próxima, onde Jane Eyre o encontra, conta sua trajetória de desenvolvimento pessoal e de renascimento ante o sofrimento e resolve cuidar do mesmo, ainda que diante da recusa dele por se sentir desfigurado, temendo que ela fique ao seu lado, com medo que ela sinta repulsa por sua pessoa. Entretanto, Jane reafirma seu amor:

Leitor, eu me casei com ele. Foi um casamento simples: eu, ele, o pároco e seu secretário éramos os únicos presentes. Quando voltamos da igreja, fui até a cozinha da casa, onde Mary estava preparando o jantar e John limpando as facas. Então falei:  
- Mary, casei-me com o Sr. Rochester esta manhã. (BRONTË, 2016, p. 522).

A personagem nesse momento deixa de ser a pessoa que está constantemente com medo dos reveses da vida. Ela passa a encarar cada momento como um meio de modificar para melhor o mundo que a cerca: divide sua herança e procurar reconstituir sua vida; volta ao seu passado, não para lamentar, mas, para recuperar a sua felicidade e a do que homem que ama.

No final da narrativa, a narradora-personagem nos informa que durante os dois anos de plena felicidade onde: “[...] Nenhuma mulher esteve jamais esteve tão próxima de seu amado quanto eu. Sou carne de sua carne, osso do seu osso, jamais me canso da companhia de Edward” (BRONTË, 2016, p. 524). E após dois anos ele eventualmente recupera a visão de um olho para ver o seu primeiro filho:

Fomos juntos a Londres. Ele se consultou com um especialista famoso. E acabou recuperando a visão daquele olho. Não enxerga com muita clareza. Lê e escreve pouco. No entanto, pode se orientar

sem precisar ser conduzido pela mão. O céu já não é puro negror, nem a terra apenas um vazio. Quando o nosso primeiro filho foi colocado em seus braços, ele pôde ver que o menino herdara os olhos do pai como tinham sido um dia: grandes, cintilantes e negros. Nessa ocasião, mais uma vez ele disse que Deus havia temperado castigo e compaixão (BRONTË, 2016, p. 526).

*Jane Eyre* é a obra que demonstra, mesmo dentro da era literária vitoriana, que a seu posicionamento rebelde diante das adversidades – e que embora anacronicamente pareça conformada, é exatamente o oposto – ela luta a seu modo, diante das realidades sociais que vão se descortinando durante o romance. Os fatos que vão perpassando sua vida demonstram esse inconformismo perante esse posicionamento de inferioridade que a mulher sofre.

Esse romance não é apenas uma simples representação literária, ele se mostra tão atual em suas inquietações, que certamente não deixa de impressionar seus leitores, não apenas pela insubmissão de Jane Eyre durante sua trajetória, mas, porque suas inquietações ecoam ainda hoje diante de tantas adversidades que as mulheres perpassam ao longo de suas próprias vidas.

Portanto, permeia-se em todo o romance e Jane Eyre “essa fusão entre contemplação e ação como ideal para a formação humanista” (QUINTALE NETO, 2009, p. 189) presente em todo o corpo da constituição desse romance. Toda a estrutura narrativa vai demonstrando a influência da situação social e econômica na vida da personagem e como estas vão influenciando suas ações e decisões no desenvolver-se da narrativa.

*Jane Eyre* como um *bildungsroman* traz em si todo um arcabouço estético e temporal que mostram o desenvolvimento emocional e transformacional que esse conceito nos remete. Ele mostra não uma trajetória de uma menina até se tornar uma mulher; mas, é um processo de auto descobrimento relacionando seus próprios sentimentos e o mundo que a cerca, e como esse desenvolvimento vai moldando sua personalidade, seus desejos e suas ações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O texto estudado é um romance *bildungsroman* com uma narrativa muito direta para o leitor, visto que transmite todos os pensamentos em primeira pessoa, de uma menina órfã, sem recursos, que não apresentava uma beleza ímpar, nem com

laços familiares com nobres; entretanto, em todo o tempo a mesma busca ir além de sua condição feminina – que na época vitoriana sofria ainda mais restrições sociais – mas que não se conforma e intimamente, luta consigo mesmo e com sua rebeldia ante as barreiras sociais lhe impostas em um mundo de grandes contradições.

Ela nos diz muito ainda hoje, quando a mulher tem que buscar crescer contra as adversidades que atentam contra sua afirmação e dignidade. Mesmo nos dias de hoje as classes sociais, o dinheiro e a posição social se erguem como barreiras sociais não apenas de cima para baixo, mas também de baixo para cima, dentro de uma sociedade ainda patriarcal e capitalista.

Para compreender a finalização desta obra, se faz importante que se volte ao século XIX, e se observe que após a publicação deste romance, apesar do sucesso junto ao público, a vida da autora não foi mais feliz por conta disto, de acordo com o prefácio de Seixas (*apud* BRONTË, 2016), no espaço de dois anos, algo entre 1848 e 1849, o seu irmão Branwell morreu vítima de alcoolismo e as suas duas irmãs também falecem por causa de tuberculose.

A própria autora casou-se sete anos depois com Arthur Bell Nicholls e teve seu primeiro filho com quase quarenta anos, mas também morre em circunstâncias não totalmente esclarecidas: alguns autores declaram como causa desnutrição causada pelas náuseas da gravidez e, outros, afirmam ter sido tuberculose. A verdade é que, seja qual for a causa, a mesma nunca chegou a dar a luz.

Como se observa na trajetória da obra há muitos pontos entre realidade e ficção que se entremeiam na vida de Charlotte Brontë, o que nunca impediu dela e seus irmãos serem firmes na realização através da escrita (WANDERLEY, 1996). Esse é um dos pontos que se pode tirar de positivos no estudo da mesma, além de considerarmos como alcançados os objetivos principais que era discorrer acerca dos pontos de verossimilhança da obra com a vida real, da importância do romance de formação para que se possa entender fases que as próprias pessoas passam na vida real, além do amadurecimento natural da personagem diante de todas as adversidades pelas quais vai passando no decorrer de sua existência.

## ABSTRACT

This article discusses the novel *Jane Eyre* by Charlotte Brontë. We try to describe the characteristics of the character and its peculiarities facing the opposition to the classic novels and its characterization as bildungsroman, that is, the novel of

formation, considering the feminine role before the society of the time, and the characterization of the growth of the character since its stage to adulthood. One of the main objectives of the article is to discuss the novel as a narrative of formation and the importance of accompanying the various stages of the main character's life. Studies of authors about Morais (2004), Ceia (1999), Rocha (2015) and Klee (2008) for the analysis of Brontë's narrative (2016) were used as fundamental texts. Both descriptions involving people and environments, as well as the atmospheres of the landscapes described throughout the narrative, are marked by a rhetoric of terror and intimidation that are gradually unfolding in the very formation of the central character. All this goes back and describes with clarity the details of a formation novel: everything is grandiose and nature itself seems to overwhelm and suffocate the characters in it, immersed and without escape, the central character, from her childhood in a house where she was not wanted, her adolescence and academic background, beyond the pursuit of her accomplishment and place in the world involves the reader. Each nuance, each character's psychological trait is fading or strengthening as the narrative develops and this characterization of the novel is merging with the very description of the historical and social environments of the time, because as the central character is changing environment and from situations it gets more outlined his personality.

**Keywords:** Jane Eyre. Victorian Literature. *Bildungsroman*.

## REFERÊNCIAS

BRONTË, Charlotte (1816-1835). **Jane Eyre**. Tradução e prefácio de Heloísa Seixas. 5a.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

CEIA, Carlos. Romance Gótico. **E-dicionário de termos literários**. 1999. Publicado em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6249/romance-gotico/>>. Consulta em: 30.Mai.2017.

FLORA, Luísa, CEIA, Carlos (org.). Bildungsroman. E-Dicionário de Termos Literários. Verbete publicado em: 24.Dez.2009. Consulta em: 16.Nov.2018. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/bildungsroman/>>.

KLEE, Márcia Morales. **Fantasmas da paisagem gótica feminina**: a tradição dialoga em *Changing Heaven*, de Jane Urquhart. Dissertação. Programa de PósGraduação da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande: 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2660/marciaklee.pdf?sequence=>>>. Acesso em: 10.Jun.2017.

LIMA, A. A. **Os direitos do homem e o homem sem direitos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1974.

LIMA, Danielle Dayse Marques de. **Dramaticidade, subjetividade e sacralidade em Jane Eyre, o romance de formação de Charlotte Brontë**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa-PB: 2013.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O *bildungsroman* na história da literatura**. São Paulo-SP: Editora UNESP, 2000.

MORAIS, Flávia Costa. **Literatura vitoriana e educação moralizante**. Campinas-SP: Alínea Editora, 2004.

QUINTALE NETO, Flávio. Para uma interpretação do conceito de *Bildungsroman*. **Pandaemonium Germanicum**. 9. Fls. 185-205. Publicado em: 17.Dez.2005. Consulta em 19.Nov.2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/73703>>.

ROCHA, Barbara de Oliveira. **Os aspectos góticos no romance *Jane Eyre* na adaptação fílmica de Fkunaga**. Monografia. Universidade da Bahia – UFB / Instituto de letras. Salvador: 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18563/1/TCC%20B%C3%A1rbara%20Rocha%202015.pdf>>. Acesso em 10.Jun.2017.

SCHANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. **Revista do NIESC**. OPSIS Vol. 6. 2006. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3734/1/ARTIGO\\_DilemasRepresenta%C3%A7%C3%A3oFeminina.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3734/1/ARTIGO_DilemasRepresenta%C3%A7%C3%A3oFeminina.pdf)>. Acesso em: 15.07.2017.

SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural).

SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). **Kriterion**. Belo Horizonte, v. 46, n. 112, p. 191-198. Publicado em: Dec. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2005000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10.Out.2018.

WANDERLEY, Márcia C. **A voz embargada: imagem da mulher em romances ingleses e brasileiros do século XIX**. SP: EDUSP, 1996.

YKIRA. **Gothic forms in Jane Eyre**. Publicized 09.May.2011. In: <<http://yikira-englishlit.blogspot.com.br/2011/05/gothic-forms-in-jane-eyre.html>>.Access: 10.Jul.2017